

A pista perdida



A pista perdida



Sra. O. F. Walton



São Paulo, SP

Copyright © 1910, Sra. O. F. Walton

Título do original: The Lost Clue

Ilustrações de Adolf Thiede

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1.ª edição, 2025

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Tradução e edição de texto: *Paula Jacobini*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sherwood, Mary Martha, 1775-1851

A pista perdida / Sra. O. F. Walton ; [tradução Paula Jacobini].

– 1. ed. – São Paulo : Editora Gadel, 2025.

334 p.: il., 21 cm

Tradução de: The lost clue

ISBN 978-65-83273-03-1

1. Romance inglês I. Título.

24-243547

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura inglesa 823

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380





Sumário



Na loja	7
Uma posição difícil	15
A promessa do capitão Fortescue.....	25
Uma noite agitada	37
O cofre foi aberto.....	45
Os dois envelopes	57
Uma caminhada por Borrowdale.....	73
 Honister Crag.....	89
 Um capítulo concluído	105
Boa vontade.....	117
Daisy Bank.....	127
Rosas negras do campo.....	143
Mãe Hotchkiss	153
O velho armário de carvalho	165
156, Lime Street	181
A palavra borrada.....	189
Uma carta estranha	199
Palavras a serem lembradas.....	207





Castelo Grantley	213
A foto de um amigo.....	225
Lorde Kenmore	239
A opinião do Sr. Northcourt	251
Uma garota muito encantadora.....	261
∞: A galeria de fotos	269
Aguardando a resposta	281
Uma viagem de Natal.....	291
Outro capítulo concluído	307
Não-me-esqueças de Watendlath	317
A palavra que faltava foi encontrada	327





Capítulo
1

Na loja

A estação de New Street, em Birmingham, é um local extremamente movimentado em todos os momentos do dia, mas, em certas horas, quando muitos trens estão chegando, a agitação, a pressa e a correria em todas as partes da estação são indescritíveis. Duas grandes linhas, a London and North-Western e a Midland, passam por ela – e embora, para os iniciados, não haja nada mais fácil do que localizar a parte da estação em que os vários trens chegarão ou de onde partirão, ainda assim, para um estranho em Birmingham, especialmente para alguém que veio da tranquilidade de algum lugar remoto do interior, as seis diferentes plataformas, os inúmeros guichês e o fluxo movimentado de vida humana cruzando e voltando a cruzar a grande ponte que atravessa a estação de um lado a outro, são bastante desconcertantes.

Foi no horário mais movimentado do sempre movimentado dia de New Street que o expresso de Londres

chegou estrondosamente à estação. Ele se apressou como um grande monstro das profundezas, voando pelo ar em vez de pela água, soprando, bufando, ofegando, mas sem parar uma única vez depois de sair de Euston, até chegar triunfante em Birmingham, tendo completado sua jornada de mais de 180 quilômetros no curto espaço de duas horas.

Quando o trem entrou, uma longa fila de carregadores aguardava sua chegada e, conforme ele diminuía a velocidade, eles mantinham os olhos fixos na fila de vagões de primeira classe, pois por ali saíam as “gorjetas”. Havia um salão de jantar no trem, e a parte da primeira classe estava bem cheia. A maioria dos passageiros estava, no entanto, seguindo viagem, mas um homem jovem, com uma grande bolsa na mão, aproximou-se da porta do vagão e preparou-se para desembarcar do trem.

Os carregadores correram em sua direção, todos ansiosos para aliviá-lo de seu fardo e, assim, garantir a gorjeta que os carregadores ingleses, assim como os árabes, raramente deixam de farejar de longe.

O homem selecionou um do grupo e lhe entregou a bolsa, enquanto os outros se retiravam desconfortáveis.

— Para onde, senhor?

— O trem Midland para o norte. Em que plataforma será?

— Número 5, senhor. Alguma bagagem no vagão?

— Não, nenhuma. Deixe-me ver; sai às 17h30. Uma hora de espera, eu acho.

— Não é bem assim, senhor; há um pouco de atraso, hoje. Não é sempre que o expresso perde um minuto, mas hoje ele está cinco minutos atrasado.

O viajante pegou seu relógio para compará-lo com o grande relógio da estação e seguiu o carregador pelos degraus até a ponte. Chegando ao número 5, ele dispensou o homem, que partiu com um semblante radiante, enquanto embolsava o dobro da quantia que esperava receber.

Por alguns minutos, o jovem, que não tinha mais de 25 anos, andou inquieto pela plataforma. Estava impaciente com o atraso, e o barulho e a algazarra da estação o irritavam. O apito de um trem que se aproximava, o barulho de um que partia, o ronco dos carrinhos dos carregadores, a gritaria dos jornaleiros e a correria incessante de pessoas em todas as direções o cansaram naquele dia, e ele mal sabia por quê. Ele não vinha do interior e estava acostumado com as ruas e estações de Londres; não se importava com o barulho em outras ocasiões, mas, hoje, sentia como se não pudesse suportar os sons discordantes por mais uma hora. Resolveu sair da estação e dar uma volta pela cidade até a hora de pegar o trem.

Ele deixou sua bolsa no depósito de bagagens da Midland, subiu o longo lance de escadas em meio a um fluxo contínuo de pessoas, passou com elas por um fluxo semelhante que descia para a estação e, em seguida, foi para a rua mais adiante.

Ao fazer isso, mais de uma pessoa se virou para olhar para ele. Ele era um homem que, mesmo em uma multidão, chamava a atenção. Alto e bem constituído, era um soldado em cada centímetro; sua profissão era evidente para todos que o viam; mas não era isso que fazia com que os transeuntes o notassem e olhassem para ele enquanto caminhava. Não era tanto sua figura ereta e máscula, mas seu rosto extremamente bonito, com traços refinados, que o tornava um homem marcante. Os cabelos escuros, os olhos cor de avelã, os cílios longos, o nariz aquilino e o lábio superior curto davam-lhe uma aparência decididamente aristocrática, que não poderia deixar de impressionar o observador mais casual.

— Um dos dez melhores, eu diria! — comentou um homem com outro, quando ele atravessou o pátio da estação e virou na Corporation Street.

As vitrines das lojas estavam todas iluminadas, pois era dezembro e estava bem escuro às quatro e meia da tarde. A rua estava lotada, pois era quase Natal, e multidões de pessoas, homens, mulheres e crianças, faziam suas compras de Natal ou olhavam ociosamente para as vitrines brilhantemente iluminadas. Mas, apesar da multidão, ele estava feliz por ter vindo, pois ali não havia nenhum dos sons discordantes da estação, e o ar puro era refrescante para ele depois de uma atmosfera fechada.

Uma fileira de vendedores de flores estava na rua, na beira da calçada, e ele parou para comprar um ramo de

violetas de uma moça que parecia cansada e com frio. Ele não queria as violetas, mas ficou comovido com seu semblante e lhe deu três vezes o preço que ela havia pedido por elas.

Em seguida, entrou na loja Arcade, que estava repleta de luzes elétricas. Todas as lojas estavam exibindo artigos atraentes e de qualidade, adequados para presentes de Natal. Em um nicho na parede, perto de uma das lojas de brinquedos, havia um homem idoso em um pedestal. Ele estava vestido com um tecido vermelho, enfeitado com penas de cisne, com longos cabelos e barba brancos e com um chapéu armado na cabeça. Ele deveria representar o Papai Noel, e também parecia frio e cansado, imóvel como uma figura de cera, sem prestar atenção à cena movimentada ao seu redor: um grupo de crianças havia se reunido aos pés do pedestal e olhava para ele com admiração, na esperança de persuadi-lo a encher suas meias na véspera de Natal com todas as coisas bonitas que seus corações desejavam.

No lado direito da Arcade, havia várias joalherias, uma massa cintilante de beleza. Pequenas lâmpadas elétricas iluminavam os inúmeros artigos brilhantes e caros expostos para venda, tornando-os ainda mais encantadores e tentadores do que pareciam à luz do dia. A porta de uma dessas lojas se abriu no momento em que ele passou por ela, e uma jovem mulher, vestida de maneira muito elegante e usando lindas peles de arminho, saiu de lá. Ela o viu imediatamente e estendeu a mão enquanto exclamava, com uma voz surpresa:

— Capitão Fortescue! O senhor está aqui?

— Sim, lady Violet, e nunca sonhei em vê-la. O que está fazendo em Birmingham?

— Estamos hospedados na casa dos De Courcys, a menos de dez quilômetros de distância, e viemos fazer algumas compras de Natal, pois não teremos muito tempo depois de voltarmos para casa. Não é estranho nos encontrarmos? Ora, não o vemos desde aquela época alegre na Riviera! Venha falar com mamãe; ela está nesta loja comprando um bracelete para Maude. Ela lhe prometeu um para o Natal e achou que seria melhor Maude escolher ela mesma, mas ela não consegue se decidir, e eu estava saindo para ver um que vimos na vitrine. Entre e nos dê seu conselho.

O capitão Fortescue seguiu-a até a joalheria e viu as duas senhoras de pé no balcão, debruçadas sobre ele. O balcão estava coberto de braceletes de todos os tipos, todos brilhando com pedras preciosas e extremamente bonitos e caros.

— Mãe, quem a senhora adivinha que eu encontrei na galeria? Olhe aqui!

A mulher mais velha se virou.

— Capitão Fortescue! Será que é possível? Estou muito feliz em vê-lo novamente; não o víamos há meses. Onde o senhor está estabelecido agora?

— No momento, estou em Aldershot, mas é provável que sejamos transferidos em breve. Escrevi para Ernest, mas ele não respondeu à minha carta.

— Menino travesso! Ele é um péssimo escritor de cartas; sempre foi. Mas o que o senhor está fazendo em Birmingham?

— Estou apenas de passagem — respondeu o capitão, olhando para o relógio. — Estou indo pegar o trem das cinco e meia, lady Earlswood.

— Que sorte termos acabado de encontrá-lo! Agora o senhor precisa vir nos visitar em breve. Vamos fazer uma grande festa em casa, no Natal. Não pode se juntar a nós? Ernest estará em casa.

— Sim, venha — acrescentou lady Violet. — Será como ter de volta aqueles velhos e queridos dias na Riviera, e quero que veja as fotos que tirei naquela época. Elas ficaram esplêndidas.

— Eu gostaria muito de ir, mas receio que seja impossível.

— É realmente impossível? — questionou lady Earlswood. — Tente.

— Receio que não possa. Veja bem, meu pobre pai não tem estado muito bem ultimamente — na verdade, estou indo para lá agora. Ainda não sei bem o que está acontecendo. Recebi uma carta dele ontem de manhã, escrita aparentemente de bom humor, e hoje recebi um telegrama pedindo que eu fosse imediatamente. Se ele estiver doente e precisar de mim, seja qual for a licença que eu receba, devo ficar com ele, é claro.

— Sim, é claro; mas não deve ser nada. Ele pode querer vê-lo por algum outro motivo. Se for o caso, avise-me.

Basta enviar-me uma linha ou um telegrama com a simples mensagem “Estou indo”. Isso será o bastante.

— Obrigada, lady Earlswood, certamente não me esquecerei. Agora, preciso deixar lady Maude escolher seu bracelete e voltar correndo para New Street.

— Precisa mesmo? Não pode tomar chá conosco na casa de Fletcher? Estamos indo para lá em um minuto ou dois.

— Receio que não. Perderei meu trem se o fizer.

Ele se despediu das mulheres e caminhou rapidamente pela Arcade, mas lady Violet foi até a porta novamente para olhar outro bracelete na vitrine – pelo menos, foi o que ela disse, mas seus olhos, quando ela saiu, certamente não estavam voltados na direção da bem iluminada vitrine.

— Como elas sabem pouco — disse a si mesmo o capitão, enquanto descia os degraus lotados da plataforma número 5.

— Às vezes, acho que devo dizer a elas que não sou um deles.